

## AS ESTRUTURAS DE PODER NO MAR EGEU E A SOBERANIA FRONTEIRIÇA (BIZÂNCIO, SÉCULOS XIV E XV)

**José Roberto de Paiva Gomes**

Pós-Doutor em História Política (PPGH-UERJ)

Doutor em História Comparada (PPGHC-UFRJ)

alcaeusappho@gmail.com

### **Resumo**

As ilhas do mar Egeu formularam uma fronteira marítima para os reis bizantinos. As cidades-fortalezas proporcionaram a manutenção e a defesa do Império contra os ataques invasores. Tal estratégia de controle com a atuação dos senhorios das ilhas, destaca atuação de Lesbos, Aenos, Tenedos e Lemnos, sob a figurado do arcontado, exercendo o poder no sistema de vassalo e no regime de feudalidade. Muitas destas áreas tiveram e contaram com contingentes militares e náuticos que asseguravam, sobretudo, as rotas comerciais que passavam do Mar Negro para o Mar Egeu e para o Mar Adriático, atendendo as Repúblicas marítimas de Gênova e Veneza e a classe mercantil, que adquiriu evidência social e militar no final da Idade Média. Analisaremos a influência política das casas dinásticas com a realeza bizantina desenvolvendo novas representações de poder em torno das rotas comerciais e de uma talassocracia.

**Palavras-chave:** Império Bizâncio; Mar Egeu; Senhorio.

### **Abstract**

The islands in the Aegean Sea formed a maritime boundary for the Byzantine kings. The fortress cities provided the maintenance and defense of the Empire against invading attacks. Such control strategy with the action of the landlords of the islands, highlights the performance of Lesbos, Aenos, Tenedos and Lemnos, under the figure of the archcontact, exercising power in the vassal system and in the feudal regime. Many of these areas had and relied on military and nautical contingents that ensured, above all, the trade routes that passed from the Black Sea to the Aegean Sea and to the Adriatic Sea, serving the maritime Republics of Genoa and Venice and the merchant class, which acquired evidence social and military at the end of the Middle Ages. We will analyze the political influence of the dynastic houses with the Byzantine royalty developing new representations of power around trade routes and a thalassocracy.

**Keywords:** Byzantium Empire; Aegean Sea; Lordship.

### **Introdução**

Os imperadores bizantinos da dinastia Paleóloga (1261-1453<sup>1</sup>) empregaram uma variedade de agentes sociais para garantir a manutenção e controle das fronteiras territoriais e

---

1 A dinastia paleóloga foi formada pela família oriundos de Niceia, após a fuga, tendo Miguel Paleólogo VIII como imperador em 1259, que conquistou Constantinopla em 1261, que findou em 1453. Tinham sua origem na Macedônia, cujo membro mais proeminente foi Aleixo Paleólogo, que casou uma integrante da Constantino X Ducas que tinha relações com a dinastia Comnena. Constam como membros imperiais, os governantes Miguel VIII Paleólogo, Andrónico III Paleólogo, Miguel IX Paleólogo, coimperador, filho de Andrónico II, Andrónico III

marítimas. Entre esses agentes estavam os *Freebooters* (comandantes ou almirantes), que desempenhavam um papel fundamental. Alguns historiadores descrevem que, devido às frota navais e às batalhas, esses nobres poderiam ser qualificados como piratas a serviço do Império Bizantino (Setton, 1976, 425; Lutrell, 1986, 110).

Nas cidades do Mar Egeu, muitos homens de origem genovesa, enriquecidos, alcançaram o status de senhores<sup>2</sup> (lordes vassalos<sup>3</sup>) e estabeleceram dinastias que serviam ao Império Bizantino. Como homens livres ou provenientes de linhagens dinásticas, esses lordes do Mar Egeu assumiram posições de liderança e, após suas vitórias, tornaram-se vassalos dos soberanos bizantinos, cumprindo seu juramento de fidelidade. Eles comandavam tropas navais, reconquistavam territórios sob influência inimiga e estabeleciam novas áreas de domínio territorial<sup>4</sup>.

Esses lordes do Mar Egeu desempenharam um papel significativo na defesa<sup>5</sup> e expansão dos interesses bizantinos na região. Com sua experiência marítima e recursos financeiros, eles foram capazes de fortalecer as posições bizantinas, tanto militarmente quanto economicamente. Além disso, sua presença e influência contribuíram para a definição de novas áreas de domínio e para a consolidação do poder do Império Bizantino no Mar Egeu<sup>6</sup>.

Esses lordes genoveses, como vassalos bizantinos, atuaram como comandantes navais, líderes militares e governantes em suas respectivas áreas de influência, promovendo os interesses do Império Bizantino e garantindo a manutenção de fronteiras e territórios

---

Paleólogo, João V Paleólogo, Andrónico IV Paleólogo, João VII Paleólogo, Andrónico V Paleólogo, Manuel II Paleólogo, João VIII Paleólogo, Constantino XI Paleólogo (Birkenmeier 2002, 63–64).

<sup>2</sup> Conforme Hilario Franco Junior (2005, 37): “...*O senhorio era um território que dava a seu detentor poderes econômicos (senhorio fundiário) ou jurídico-fiscais (senhorio banal), muitas vezes ambos ao mesmo tempo. O feudo era uma cessão de direitos, geralmente, mas não necessariamente sobre um senhorio. Havia regiões feudalizadas sem ser senhorializadas...*”

<sup>3</sup> Vassalagem consistia em um acordo de serviços recíproco entre uma pessoa política e economicamente menos influente e uma outra que sob esses aspectos lhe era superior. De acordo Hugles (1992,18) com um vassalo será um indivíduo que tem uma obrigação mútua a um senhor ou soberano.

<sup>4</sup> De acordo com Santos e Silveira (1978, 81) territorialidade corresponde a é uma noção que deriva de território: uma zona ou região que estabelece uma jurisdição, pertence a um determinado Estado ou serve como campo de ação. Ao definir o Mar Egeu e suas ilhas, os imperadores paleólogos reconstrói um lugar de pertencimento e memória, recorrendo as antigas fronteiras do império que remontam as tradições de Constantino e Justiniano. Um espaço geográfico composto por objetos e ações, neste caso medieval interligados aos castelos, a marinha e a cavalaria.

<sup>5</sup> Conforme Ganshof (1939, 147) a obrigação frequentemente incluía suporte militar por cavaleiros em troca de certos privilégios, usualmente incluindo posse de terras como feudo.

<sup>6</sup> Como destaca Claude Raffestin (1993) se desenvolve uma geografia do poder. O autor descreve territorialidade como pertencimento, exclusividade e limite, os papeológoi como uma dinastia greco-macedônica, reconquista seu território ancestral, tentando afastar o império latino, as repúblicas italianas adversarias e os povos estrangeiros búlgaros e turcos. Praticando aquilo que se subvencionou chamar de Renascimento bizantino, utilizando-se da alcunha grega de Reis dos reis (*basileus*), remontando a época homérica. A dinastia era oriunda de famílias aristocráticas da Macedônia, que remonta ao século XI. As alianças matrimoniais e o uso de novos aliados (marinheiros e soldados de cavalaria) propiciaram restaurar os limites do Império bizantino, sobretudo, a área que corresponde de Bizâncio continental até a Ásia Menor e as ilhas do Mar Egeu (Angold, 1984, 105).

estratégicos. Assim, os lordes do Mar Egeu desempenharam um papel crucial na dinâmica política e militar da região, contribuindo para a preservação e expansão do domínio bizantino no Mar Egeu.

No decorrer do Império Bizantino, identificamos dois personagens desempenhando papéis significativos em seu contexto social. Licário acompanhou Miguel VIII Paleólogo (século XIII), enquanto Francesco I Gattilusio esteve ao lado de John V Paleólogo (século XIV). Em virtude de suas contribuições para a manutenção das fronteiras e a reconquista de terras nas ilhas do Mar Egeu (Eubeia e Metilene, respectivamente), ambos foram recompensados com feudos.

Licário alcançou o posto de mega-duque<sup>7</sup>, tornando-se o primeiro estrangeiro a receber tal distinção, exercendo as funções de general e governador. Por sua vez, Francesco I foi nomeado lorde (arconte) e casou-se com Maria Paleologa, irmã de John V, estabelecendo um casamento dinástico e tornando as ilhas do Mar Egeu parte do dote matrimonial. Essas ações tinham o objetivo de restaurar a estabilidade do Império Bizantino (Nicol, 1993, 265).

### **Os reis bizantinos paleólogos e a reconquista territorial**

Miguel VIII Paleólogo tinha a intenção de conquistar o território grego que estava sob a influência dos *Freebooters* (piratas) e sob o domínio do Império Latino e do Principado de Acaia. Licário aproveitou-se da recusa dos barões em prestar serviço, tornando-se vassalo (Bartusis, 1997, 10) e recebeu o comando das tropas imperiais, realizando várias incursões nos estados latinos do Oriente, protegidos pelos triarcas<sup>8</sup> lombardos (vencidos na batalha de Demétrias<sup>9</sup>).

Entre 1272 e 1279, de acordo com o cronista veneziano Mariano Sanudo<sup>10</sup>, Licário serviu no exército bizantino, atuando na região da Ásia Menor e do Peloponeso, e obteve várias

<sup>7</sup> O título de *mega-dux*, na perspectiva de Loyon (1998, 28), como um título de dignidade era concedido pelo imperador acompanhado de um casamento com título de nobre. O cargo de arconte ou lorde, se designou na Ásia Menor pela influência greco-clássica e se constituiu como título de nobreza que promovia a justiça segundo a *dikaiosyne*, aquele que promove a justiça, conforme os ensinamentos platônicos (Veras, 2018).

<sup>8</sup> Como identifica J. B. Bury (1887, 194) a triarquia como denominação para território autônomo governado pela figura de barões ou famílias aristocratas. Uma das estruturas políticas-sociais do feudalismo e geralmente eram compostos na figura de três (*terzieri* - "terços").

<sup>9</sup> Foi uma batalha naval na região grega de Demétrias no início da década de 1270 entre uma frota bizantina e as forças dos barões latinos da Eubeia (Negroponte) e Creta. Primeiramente a favor dos latinos, mas após reforços resultou em uma vitória bizantina (Geanakoplos, 1959, 125-127).

<sup>10</sup> Mariano Sanudo (1466-1536) foi um historiador, político e escritor de origem veneziano responsável por relações diplomáticas. Descreveu seu tio nas guerras de Ferrara. Descreveu diversas paisagens italianas de Veneza a Istria. Escreveu diversos manuscritos que o fizeram exercer cargo no Major Consiglio por cerca de 20 anos, e, posteriormente senador. Escreveu uma obra histórica sobre a região adriática que o impulsionou ao cronismo universal (BROWN, 1838).

vitórias (Fine, 1994, 191). Em recompensa, Miguel VIII concedeu a Licário a ilha de Eubeia como feudo, um título de nobreza, um dote em dinheiro e uma esposa de ascendência grega. Em retorno, Licário forneceu uma guarnição de cavaleiros e transformou as fortalezas latinas em fortalezas bizantinas<sup>11</sup>. Ele também assumiu o comando da marinha bizantina e recuperou o controle das ilhas do Mar Egeu que estavam nas mãos dos latinos (Geanakoplos, 1959, 298-299).

No caso de John V Paleólogo, um dos três co-imperadores no trono Bizantino no século XIV (junto com João VI e Matheus Cantacuzeno), seu principal objetivo era fazer alianças para recuperar Constantinopla. Para alcançar esse objetivo, ele removeu seus rivais políticos. Através de alianças com nobres europeus, ele conseguiu manter as fronteiras ameaçadas pelo imperador otomano Murad I (Miller, 1913, 407). John V tomou uma medida significativa em direção ao Ocidente ao aceitar a fé cristã em 1396. Isso foi uma tentativa mal sucedida de atrair o apoio do Ocidente para sua causa (Norwich, 1996, 333).

As alianças com nobres europeus e a busca de apoio do Ocidente foram estratégias cruciais adotadas por John V Paleólogo para garantir a sobrevivência do Império Bizantino diante das ameaças internas e externas. No entanto, apesar de seus esforços, a recuperação de Constantinopla e a restauração plena do Império Bizantino não foram alcançadas durante seu reinado.

Os castelos-fortalezas no Mar Egeu desempenharam um papel crucial como símbolos de poder e defesa. Além disso, o estabelecimento desses portos fortificados desempenhou um novo ou modificado papel no sistema de senhorio, especialmente nas ilhas onde a função agrícola era reduzida ou sazonal. A atividade naval e o comércio marítimo também contribuíram para relativizar a ideia de uma sociedade estática e hierarquizada em torno da terra, expandindo as oportunidades econômicas e sociais para os nobres e a população em geral (Cruxen, 2011, 1-12).

Os nobres bizantinos que governavam esses castelos-fortalezas capturaram várias cidades costeiras nas ilhas do Mar Egeu, do Mar Negro e da Bulgária. Um exemplo disso é

---

11 Além da condição de defesa e ataque contra tropas inimigas, as fortalezas tinham a função de desenvolver um rito social particular dos imperadores, o ritual triunfal, a partir de uma porta principal decorada com relevos. A sua importância militar das fortalezas e do Porta (dourado) foi reconhecida por João VI Cantacuzeno (1347-1354), que registou que a fortaleza de Fortaleza de Yedikule, na capital Constantinopla, por exemplo era virtualmente inexpugnável, capaz de armazenar provisões para três anos e desafiar um contingente do tamanho da cidade se fosse necessário (Van Millingen 1899, p. 69-70). No caso do mar Egeu, muitas fortalezas eram bastionadas, ou seja, locais em cima de colinas, com construção com declive e podendo ser uma fortificação de pólvora com torres e vários canhos para proteger cidades costeiras ou entradas de baías ou enseadas. (MARTEN, 2009, 325-328).

Licario, que se baseou na fortaleza de Anemopilas para recuperar territórios gregos e usou estratégias de guerra, como interromper o abastecimento de água, para obter sucesso em suas expedições militares. Da mesma forma, Francesco baseou-se na fortaleza de Mitilene em Lesbos, de onde liderou expedições armadas para expandir a influência bizantina na região.

Essas fortificações são encontradas principalmente em áreas que estiveram sob o domínio de governantes latinos, como o Peloponeso, as costas da Grécia Ocidental, as Ilhas Jônicas (Tenedos, Lemnos, Lesbos), Creta e o Dodecaneso. Embora muitas delas tenham sido construídas sobre antigas fortificações bizantinas ou até mesmo estruturas ainda mais antigas, sua fase principal de construção ocorreu durante o período de dominação latina (Carile, 1978, 954). Além de seu papel defensivo, essas fortificações também desempenharam um papel importante no desenvolvimento de áreas urbanas. Estrategicamente posicionadas no centro das rotas comerciais entre o Ocidente e o Oriente, assim como entre o Norte e o Sul, essas fortificações serviram como importantes estações comerciais na bacia do Mediterrâneo Oriental.

Ao desempenhar um papel estratégico no comércio e na defesa, essas fortificações impulsionaram a atividade econômica nas regiões em que estavam localizadas. As rotas comerciais que atravessavam essas áreas trouxeram riqueza e intercâmbio cultural, favorecendo o desenvolvimento de cidades e comunidades ao redor delas<sup>12</sup>. A localização estratégica dessas fortificações também as tornava alvos desejáveis para o controle político e militar. Sua posse garantia o domínio sobre o comércio e o poder sobre as regiões vizinhas. Portanto, essas fortificações desempenharam um papel fundamental não apenas na defesa territorial, mas também no desenvolvimento econômico e nas relações comerciais do Mediterrâneo Oriental durante esse período histórico.

O sistema de cisternas nas fortalezas desempenhava um papel essencial na vida das cidades medievais. Observamos o uso de tecnologias e práticas avançadas de gestão da água, demonstrando a importância da sustentabilidade dos recursos hídricos na época. Essas cisternas medievais faziam parte do escoamento fluvial e eram fundamentais para enfrentar os períodos de escassez sazonal de água.

### **A ilha de Tenedos: um estudo de caso**

---

<sup>12</sup> Segundo Pirenne (1951, 89), “*se na organização política o papel das cidades foi maior na Antiguidade do que na Idade Média, em contrapartida, a sua influência econômica ultrapassou em muito, na Idade Média, o que acontecera na Antiguidade*”.

De fato, a dinastia paleóloga se utilizou da marinha como uma importante ferramenta para tentar restaurar os domínios territoriais perdidos no passado. Os imperadores desse período viram na marinha uma forma eficaz de proteger suas terras e reduzir as ameaças representadas pelas invasões turcas e búlgaras. Diante de desafios internos, como guerras civis, bem como desastres naturais, como a peste negra e um grande terremoto em Gallipoli<sup>13</sup>, as defesas do Império Bizantino foram desarticuladas, permitindo a entrada dos turcos (Kelly, 2011, 501). Esses eventos desestabilizaram a região e enfraqueceram a capacidade de resistência do império contra as invasões.

Por meio da marinha, os imperadores paleólogos buscaram manter e expandir seu controle sobre os territórios costeiros e as rotas comerciais marítimas. Entretanto, apesar de seus esforços, o Império Bizantino enfrentou muitas dificuldades para conter as ameaças externas e os desafios internos, culminando, eventualmente, na queda de Constantinopla em 1453 para os turcos otomanos. A marinha bizantina, embora tenha desempenhado um papel significativo na tentativa de proteger o império, não foi suficiente para superar todos os desafios que se apresentaram ao longo do tempo. A complexidade e a dinâmica das relações políticas, sociais e econômicas da época, aliadas às crescentes ameaças externas, tornaram difícil a manutenção dos domínios territoriais do passado e, conseqüentemente, a sobrevivência do Império Bizantino. A marinha foi utilizada como uma importante ferramenta para tentar restaurar os domínios territoriais perdidos no passado. Os imperadores desse período viram a estrutura militar como uma forma eficaz de proteger suas terras e reduzir as ameaças representadas pelas invasões turcas e búlgaras.

Diante de desafios internos, como guerras civis, bem como desastres naturais, como a peste negra e um grande terremoto em Gallipoli, as defesas do Império Bizantino foram desarticuladas, permitindo a entrada dos turcos (Kelly, 2011, 501). Esses eventos desestabilizaram a região e enfraqueceram a capacidade de resistência do império contra as invasões. Por meio da marinha, os imperadores paleólogos buscaram manter e expandir seu controle sobre os territórios costeiros e as rotas comerciais marítimas. Entretanto, apesar de seus esforços, o Império Bizantino enfrentou muitas dificuldades para conter as ameaças externas e os desafios internos, culminando, eventualmente, na queda de Constantinopla em 1453 para os turcos otomanos. A marinha bizantina, embora tenha desempenhado um papel

---

<sup>13</sup> Este terremoto matou o lorde de Lesbos, Francesco Gattilusio e uma parte considerável de sua família, somente, Jacopo, o filho mais novo que se encontrava em uma zona campal. O jovem foi encontrado pelos sobreviventes e por um amigo próximo chamado Kydones, que trazia donzelas para casar-se com os dois filhos mais velhos do casal.

significativo na tentativa de proteger o império, não foi suficiente para superar todos os desafios que se apresentaram ao longo do tempo. A complexidade e a dinâmica das relações políticas, sociais e econômicas da época, aliadas às crescentes ameaças externas, tornaram difícil a manutenção dos domínios territoriais do passado e, conseqüentemente, a sobrevivência do Império Bizantino.

As ilhas e os castelos-fortalezas no Mar Egeu desempenharam papéis estratégicos cruciais como pontos de apoio para guarnições militares e como pontos de proteção e parada para aqueles que viajavam em direção a Constantinopla. Os imperadores bizantinos frequentemente utilizavam essas ilhas como locais de residência temporária, como destacado por Ruy Gonzàles de Clavijo<sup>14</sup> em suas "*Narrativas de Embaixada*". Por exemplo, o embaixador Henrique III de Castela, enviado a Tamerlão (reino de Timur, hoje Ásia Central) em 1403, observou especialmente a presença de John V, que era cunhado de Francesco I Gattilusio.

Essas ilhas e fortalezas desempenhavam um papel vital no sistema de defesa e segurança do Império Bizantino. Eram locais estratégicos que ofereciam refúgio seguro para as guarnições militares bizantinas e para os imperadores em suas viagens pela região. Além disso, essas fortificações serviam como pontos de controle e proteção ao longo das rotas comerciais e das vias marítimas essenciais para o império.

A presença dos imperadores nas ilhas, como Tenedos e Lesbos, demonstrava a importância estratégica desses locais no contexto das atividades políticas e militares do Império Bizantino. O fato de John V, cunhado de Francesco I Gattilusio, ser observado em tais áreas mostra como as dinastias e as alianças familiares influenciavam as relações políticas e militares na região do Mar Egeu. Essas ilhas e castelos-fortalezas, portanto, foram elementos cruciais na estrutura de poder e defesa do Império Bizantino, além de desempenharem um papel importante nas dinâmicas políticas e nas interações entre as diferentes potências da época.

Tenedos, ao longo de sua história, desempenhou papéis cruciais como local de armazenamento de grãos provenientes do Egito e como um importante entreposto comercial já desde a época de Justiniano, no contexto do Império Bizantino. Sob o domínio feudal e

---

<sup>14</sup> Clavijo foi um viajante, camareiro e embaixador do rei de Castela na cidade de Samarcanda, atual Uzbequistão, entre 1403 -6. Junto de uma frota navegou pelo Mar Mediterrâneo, chegando no atual Teerã em 1404. Descreveu as cortes orientais pelas quais passou. Observou edifícios, motivos pelos quais eram dedicados e as melhorias arquitetônicas (reconstrução) que os governantes iriam realizar após batalhas. Desejava articular diversas conexões diplomáticas para os países europeus (reinos francês e de Castela (Wood, 2002, 137).

bizantino, a criação de uma diocese contribuiu para o desenvolvimento de um núcleo metropolitano ao longo dos séculos XI ao XV<sup>15</sup>.

Durante os reinados de Andronico III e John V, o Império Bizantino exerceu domínio sobre Tenedos com a ajuda de figuras importantes, como Andrea Morisco e Francesco, antes de ser passada para o controle da República de Veneza. No entanto, a cidade passou por momentos turbulentos, especialmente em decorrência da Guerra de Chioggia<sup>16</sup> em 1381, que envolveu um conflito entre Gênova e Veneza. Como consequência dessa guerra, toda a população de Tenedos foi evacuada e a cidade foi demolida (Treadgold, 1997, 780). Esse episódio marcou um ponto de virada na história de Tenedos, levando à perda de seu status como uma importante área comercial e estratégica no contexto do Mediterrâneo Oriental.

O destino de Tenedos exemplifica as mudanças políticas e militares que ocorreram na região ao longo dos séculos, à medida que diferentes poderes disputavam o controle sobre áreas estratégicas e comerciais no Mediterrâneo. A história da cidade reflete como as rivalidades entre potências como Gênova e Veneza afetaram as comunidades locais e o desenvolvimento econômico e político das regiões envolvidas. Desta forma, a narrativa em torno da ilha de Tenedos por ocasião dos conflitos destaca o “declínio” ou a reformulação do regime de *feudalidade*<sup>17</sup>, isto é, da transição da condição feudal e do regime de fidelidade e respeito do vassalo ao senhor feudal.

## A guisa de conclusão

---

<sup>15</sup> O pensamento de Jacques Le Goff (1992, 102) destaca que o surgimento e o desenvolvimento das cidades medievais foram resultado de uma combinação complexa de fatores e estímulos, envolvendo diversos grupos sociais. Ele identifica que o movimento de emigração que ocorreu entre os séculos X e XIV foi fundamental para o crescimento das cidades, pois atraiu não apenas pessoas oriundas da servidão, mas também membros da classe dominante, como a aristocracia fundiária e o clero.

Essa migração para as cidades resultou em uma maior diversidade social e econômica nos centros urbanos. Enquanto camponeses e servos em busca de liberdade e oportunidades fugiam do sistema feudal opressivo, a aristocracia fundiária e o clero buscavam novas oportunidades econômicas e políticas nas cidades em crescimento. Essa diversidade de grupos sociais contribuiu para a dinâmica e vitalidade das cidades medievais, promovendo interações culturais e econômicas, bem como o surgimento de novas instituições e práticas sociais. As cidades tornaram-se centros de comércio, artesanato, educação e cultura, permitindo a ascensão de uma classe urbana influente e próspera.

Portanto, o movimento de emigração foi um dos fatores-chave que impulsionaram o desenvolvimento das cidades medievais, moldando sua composição social diversificada e impulsionando seu crescimento econômico e cultural. A interação entre diferentes grupos sociais e suas contribuições únicas foram fundamentais para a evolução e a complexidade das cidades medievais.

<sup>16</sup> Conhecidas como guerras venezianas-genovesas, caracterizadas por um longo conflito militar (1256-1381) para o domínio do Mediterrâneo oriental, composto essencialmente por 4 batalhas, predominância do domínio veneziano que demonstrou a superioridade do domínio do mar sobre Gênova (Lane, 1973, 73).

<sup>17</sup> Segundo a interpretação de Eduardo Alberti (2007, 150), *feudalidade* corresponde a um termo citado e criticado por Bloch para caracterizar a sociedade feudal e suas multifacetadas relações (religiosas, sociais e etc) e questiona o direito real da expressão feudo e da preponderância do termo feudo-vassalica.

A principal preocupação de Miguel Paleólogo estava dirigida para a reconquista de Constantinopla, tomada pelos cruzados em 1204. As relações dinásticas com João IV Lascaris proporcionaram ao monarca arregimentar condições para reconquistar a capital bizantina. Aliando-se também aos genoveses em 1261. Apoiado pelo exército e a marinha, Miguel VII retoma o território dominado pelos Latinos e desterra seu opositor. O ato de matar seu aliado João IV, faz ser excomungado pelo patriarca Ascênio I, conflito que durou sete anos até a substituição do religioso. No segundo concílio de Lyon foi tentado a junção das religiões, formando pequenas alianças. Tal empreitada faz o papa Martino IV, aliar-se a Carlos D´Anjou, regente da Sicília, que finalmente o excomunga. Em retaliação o regente bizantino invade a região e reduz o domínio pela metade. Para exercer o controle de Constantinopla casou seus descendentes com monarcas estrangeiros, a fim de que ninguém reclamasse a soberania sobre Constantinopla. Apesar da crueldade com os latinos realizou diversos acordos de paz com os principados, despotados e impérios orientais ao redor do mar Egeu (Kleinhenz, 2017, 1178).

Seu descendente, John V Paleólogo, séculos, mais tarde, buscando a manutenção e preservação da dinastia sobre a manutenção das fronteiras, busca criar alianças com os senhores do mar Egeu. A dinastia Gattilusio, em especial, exerceu a proteção territorial e o controle marítimo do norte do Egeu. Pois, o reinado de John V foi marcado pela dissolução do poder imperial por causa do avanço otomanos. Pediu ajuda a diversos governantes (Papa, o reino Búlgaro) contra as empreitadas a fronteira oriental. Reforçou as muralhas e fortificações, sobretudo da localidade da Porta Dourada para isso reutilizou o mármore da cidade de construções abandonadas. Enfrentou a peste negra de 1346 a 1349 que devastou Constantinopla. John enfrentou diversos problemas sucessórios, com deposições e retomada de poder sobre seus parentes, não conseguindo também resolver problemas em torno do Cisma (VASILIEV, 1952, 671).

Por fim esses castelos-fortalezas, estrategicamente localizados, permitiram que os nobres bizantinos mantivessem o controle das rotas comerciais marítimas, protegessem suas terras e, ao mesmo tempo, expandissem seus territórios através de campanhas militares. A atividade naval e o comércio marítimo também desempenharam um papel vital na economia do Império Bizantino, impulsionando a prosperidade e a mobilidade social na região do Mar Egeu. A combinação do poder militar representado pelas fortalezas e da atividade comercial marítima trouxe um novo dinamismo à sociedade bizantina, desafiando a visão tradicional de uma sociedade agrária e hierárquica.



Territórios de Gênova e Veneza no Mediterrâneo Oriental em 1450.

Especificamente, as ilhas de Lesbos, Aenos, Tenedos e Lemnos, governadas pelos arcontes, destacaram-se nesse sistema de poder. Essas ilhas possuíam contingentes militares e marítimos que garantiam a segurança das rotas comerciais, especialmente aquelas que conectavam o Mar Negro ao Mar Egeu e ao Mar Adriático. Essas rotas comerciais eram de extrema importância para as Repúblicas marítimas de Gênova e Veneza, bem como para a classe mercantil, que ganhou destaque social e militar no final da Idade Média (Durant, 2002, 189).

## Referências

- ALBERT, E. H. *Uma sociedade fragmentada e fundamentalmente una: La société féodale e a sociedade feudal*. **Revista Tempo** 27. UFF, 2007, 150-175.
- ANGOLD, M. **The Byzantine Empire 1025–1204: A Political History**. [S.l.]: Longman, 1984.
- BARTUSIS, M. C. **The Late Byzantine Army: Arms and Society, 1204–1453**. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1997.
- BENEDETTI, A. **Enciclopedia Italiana Treccani e la montagna illustrata**. La Rivista, Turim, CAI, a. 129, set.-out. 2008 (1929)
- BIRKENMEIER, J. W. **The Development of the Komnenian Army: 1081–1180**. [S.l.]: Brill, 2002.

- BROWN, R. **Ragguagli sulla vita e sulle opere di Marino Sanuto** (3 vols.); Venecia, 1837-1838.
- BURY, J. B. «*The Lombards and Venetians in Euboea (1303–1340)*». **The Journal of Hellenic Studies** 8, 1887, 194–213.
- CARILE, A. **Per una storia dell'impero latino di Costantinopoli (1204-1261)**. Patron, 1978.
- CRUXEN, E. B. *Castelos e Fortificações como Documentos Histórico-Arquitetônicos*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo**, julho 2011, 1-12.
- DURANT, W. **O Renascimento. A História da Civilização na Itália**. São Paulo: Editora Record, 2002.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FINE, John Van Antwerp. **The Late Medieval Balkans: A Critical Survey from the Late Twelfth Century to the Ottoman Conquest**. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press, 1994.
- GANSHOF, F. L. "*Benefice and Vassalage in the Age of Charlemagne*" **Cambridge Historical Journal** 6.2., 1939, 147-75.
- GEANAKOPOLOS, D. J. **Emperor Michael Palaeologus and the West, 1258–1282: A Study in Byzantine-Latin Relations**. Cambridge: Harvard University Press, 1959.
- KAZHDAN, A. P. **The Oxford Dictionary of Byzantium**. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 1991.
- KELLY, H. "*The classical definition of a pandemic is not elusive*", **Bulletin of the World Health Organization Vol. 89**, No. 7, 2011. 540-1.
- KLEINHENZ, Ch. **Routledge Revivals: Medieval Italy (2004): An Encyclopedia (em inglês). II**. Abingdon-on-Thames: Taylor & Francis., 2017
- HUGHES, M. (1992). *Early Modern Germany, 1477–1806*, MacMillan Press and University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 199, 18.
- LANE, F. C. *Venice, a Maritime Republic*, John Hopkins University, 1973.
- LE GOFF, J. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. — (O Homem e a História).
- LOYN, H. R. (ed.) **Diccionario Akal de História Medieval**, 1998. Madrid: Ediciones Akal, 1998.
- LUTTRELL, A. "*Daughters of John V: an enigma Palaiologan*", **Dumbarton Oaks Papers** 40, 1986.
- MARTEN, B. *Fortification in Focus - Mathematical Methods in Military Architecture of the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> Centuries and their Sublimation in Civil Architecture*. **Nexus Network Journal**, Turin, v. 11, n. 2, 2009, p. 325 - 328.
- MAYS, ANTONIOU e ANGELAKIS. *History of Water Cisterns: Legacies and Lessons*. **Water** 5(4):November 2013, 1916-1940.
- MILLER, W. **The Latins in the Levant, a History of Frankish Greece (1204–1566)**, New York: E.P. Dutton and Company, 1908.
- NICOL, D. M. **The Last Centuries of Byzantium, 1261–1453**, Cambridge University Press, 1993.
- NORWICH, J. J. **Byzantium: The Decline and Fall**. Londres: Penguin Press, 1996.
- RAFFESTIN, C.. **Por uma geografia do poder**. SP: Ática, 1993.
- RUY González de Clavijo, **La embajada a Tamorlán**. Francisco López Estrada, ed. Madrid: Castalia, 1999.
- SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método*. **Boletim Paulista de Geografia, AGB-São Paulo**, (54), jun. 1977, 81-100.
- SETTON, K. M., **The Papacy and the Levant, 1204–1571: Volume I, The Thirteenth and Fourteenth Centuries**, Diane Publishing, 1976.

- TREADGOLD, W. **A History of the Byzantine State and Society**. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1997.
- VAN MILINGEN, A. **Byzantine Constantinople: The Walls of the City and Adjoining Historical Sites**. Londres: John Murray Ed, 1899.
- VASILIEV, A. **History of the Byzantine Empire 324–1453**. University of Wisconsin Press, 1952.
- VÉRAS, A. **A noção de dikaiosýne: análise do mito do anel de Giges em Platão**. (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- WOOD, F. **The Silk Road: two thousand years in the heart of Asia**. University of California Press, 2002.
- WRIGHT, C. **The Gattilusio Lordships and the Aegean World 1355-1462**. Brill, 2014.